

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A GUERRA NO CINEMA
PARTE II - OUTRAS VISTAS DO CAMPO DE BATALHA
12 e 24 de maio de 2023

THE BATTLE OF THE RIVER PLATE / 1956

(A Batalha do Rio da Prata)

um filme de Michael Powell e Emeric Pressburger

Realização e Argumento: Michael Powell e Emeric Pressburger / **Fotografia:** Christopher Challis / **Montagem:** Reginald Mills / **Direcção Artística:** Hein Heckroth, Arthur Lavson / **Música:** Brian Easdale, dirigida por Frederick Lewis / **Som:** C.C. Stevens, Gordon K. McCallum / **Intérpretes:** John Gregson (Capião Bell), Anthony Quayle (Comodoro Harwood), Peter Finch (Capitão Langsdorff), Ian Hunter (Capitão Woodhouse), Jack Gwillim (Capitão Parry), Bernard Lee (Capitão Dove), Lionel Murton (Mike Fower), Anthony Bushell (Mr. Milligton-Drske), Peter Illing (Dr. Guani), Michael Goodliffe (Capitão McCall), Patrick McNee (Tenente Medley), John Chandoe (Dr. Langmann).

Produção: Michael Powell e Emeric Pressburger (The Archers / J. Arthur Rank) / **Cópia:** digital, cores, com legendagem eletrónica em português, 116 minutos / **Estreia Mundial:** Royal Film Performance, de 1956 / **Estreia em Portugal:** S. Jorge, em 24 de Outubro de 1957.

Não deixa de ser curioso que os mestres de uma forma de cinema romântico tenham optado por um estilo "realista" para esta "descrição" da batalha que se travou no rio De la Plata, entre o "Graf Spee" alemão e os cruzadores britânicos "Ajax", "Exeter" e "Achilles". Tal opção é, por um lado, aparente, porque se a descrição se aproxima dos cânones realistas, na sua forma semi-documental, a sua construção segue o mesmo modelo e métodos das suas obras mais elaboradas em estúdio como **A Matter of Life and Death**, **Black Narcissus** e **Tales of Hoffmann** (toda a sequência da batalha e as de Montevideu na segunda parte). Por outro lado, o tipo de abordagem, distanciada e aparentemente fria só poderá surpreender quem conheça a obra de Powell e Pressburger. Basta lembrar os seus filmes feitos durante a guerra, em particular **The 49th Parallel** e **One of Our Aircraft is Missing**.

The Battle of the River Plate surge, desta forma, como uma espécie de complemento aos filmes de "propaganda" feitos durante o conflito. Na verdade, o que ainda hoje espanta nestes filmes é a sua quase total ausência de maniqueísmo, o que se poderia entender como uma forma de sarar as feridas em 1956, mas que surpreendia nos anteriores. Os homens do "ofício da guerra" eram igualmente "cavalheiros" de um lado e de outro sendo a crítica, nos filmes dos anos 40, dirigida à ideologia que o adversário servia. Neste caso opta-se praticamente pela sua omissão e as relações de Langsdorff e o capitão Dove sugerem mais uma relação de classe, com a sua compreensão e respeito mútuos que fariam deles dois bons amigos em tempos de paz, relação que nos remete para a de Von Rauffenstein e Boeldieu em **La Grande Illusion**, de Jean Renoir. Este carácter cavalheiresco (Langsdorff poderia ser o Theo Kretschmar-Schuldorff, de **The Life and Death of Colonel Blimp**, da segunda guerra mundial) é ainda reforçado pelo contraponto (breve) dos diplomatas alemães em Montevideu, e pela referência às atrocidades de outros comandantes germânicos, descritas pelos prisioneiros no "Graf Spee".

The Battle of the River Plate surge como a mais importante incursão britânica no filme de guerra nos anos 50, se tivermos em conta que **The Bridge on the River Kwai** é uma co-produção anglo-americana, dispondo de grandes meios para a sua concretização e o apoio logístico de grande número de personalidades e organismos, que o genérico inicial descreve exaustivamente. Mas o seu ponto de partida surgiu, como **I Know Where I'm Going**, de forma mais ou menos circunstancial. Tudo partiu de um convite que o Festival de Mar Del Plata, na Argentina, lhes fez para nele participarem. A Powell parecia lamentável fazer tão longa viagem sem outro objectivo. Pressburger sugeriu então a história do "Graf Spee" para um filme e a viagem para a recolha de elementos e testemunhos.

Uma voz *off* esclarece-nos de imediato da missão do "Graf Spee": cortar os abastecimentos à Grã-Bretanha, mal a guerra eclodiu. Coordenando o bloqueio com a "blitzkrieg" os alemães pretendiam terminar rapidamente com a guerra. Falhado o objectivo, o "Graf Spee" vai continuar a sua missão de destruição de abastecimentos pelos oceanos, tornado quase auto-suficiente, com uma bem montada rede de apoio. Como diz Langsdorff a Dove, o êxito da sua missão depende de coordenação de uma boa rede de informações em terra e um par de olhos agudos na vigia. E, naturalmente, do apoio logístico que os outros navios alemães lhe dão, em sítios determinados. E será num deles que irá ter o encontro com os cruzadores britânicos.

O filme de Powell e Pressburger divide-se distintamente em três partes. A primeira é dominada pela presença do "Graf Spee" e das cavalheirescas relações da sua tripulação com os prisioneiros britânicos. Powell e Pressburger vão, neste segmento, contra o lugar comum habitual dos filmes bélicos, recusando o maniqueísmo como nos seus filmes anteriores, e como Billy Wilder fizera também em **Stalag 17**. Na verdade é o "Graf Spee" o verdadeiro herói do filme e se desaparece praticamente durante o resto do filme, regressa no seu final, para um glorioso sacrifício. A segunda parte é totalmente dominada pela batalha, mas o ponto de vista é essencialmente britânico, desde a reunião dos oficiais ingleses para discutirem o plano até ao confronto entre os barcos. Powell opta, neste caso, por uma espécie de documentarismo, ilustrando de forma seca e quase distanciada, o combate e as peripécias que o rodeiam. Finalmente a terceira parte tem lugar em Montevideu descrevendo o conflito diplomático que opõe as potências adversárias em terreno neutro, os jogos de influência, e a tendência pró-britânica do governo uruguaio, é nesta parte que de novo se retoma o estilo semi-épico da primeira, e nos oferece alguns dos melhores momentos do cinema de Powell. Do lado da técnica, sente-se a influência dos filmes soviéticos dos anos vinte que tanto marcaram o realizador, em particular **Bronenosets Potiomkine** (as imagens da multidão que no cais vem ver o "Graf Spee"; o plano da entrada do barco inglês saudado pelas tripulações dos restantes, lembram irresistivelmente o Potemkine em Odessa); na descrição dos personagens, Langsdorff regressa ao primeiro plano, como uma espécie de último cavaleiro de uma causa perdida. O filme termina com o afundamento do "Graf Spee", mas omite, e isso é pena, o último gesto de Langsdorff, após a perda do seu barco: o suicídio.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico